



SUMÁRIO

Editorial

Pe. Gabriel Cruz, novo Animador da ADMA Primária.

P.1

Caminho Formativo

O mistério do nome: *Se conhece o que se vive* - 2.

P.3

Nazaré. Uma família toda de Deus

5. José e Maria, um homem e uma mulher.

P.6

Humilde e a mais alta criatura

A caminho com Maria, mestra de ecologia integral

6. Maria, sarça que queima e não se consome.

P.8

Crônica de Família

- Índia: *A celebração do Dia da Família Salesiana da Inspeção da Índia-Bangalore.*

P.10

- Polônia: *Caminhar juntos como Família Salesiana da Região Europa Centro e Norte.*

P.10

- Portugal: *Congresso Internacional de Maria Auxiliadora 2024 em Fátima.*

P.11

Intenções de oração mensal

É uma hora sombria.

P.12

EDITORIAL

PE. GABRIEL CRUZ, NOVO ANIMADOR DA ADMA PRIMÁRIA

Aos queridos amigos e amigas da ADMA

Recebam a minha saudação fraterna nestes dias em que a Igreja celebra o Mistério da Encarnação do Senhor, contemplando com admiração como Ele é acolhido por Maria e José, pelos pastores e pelos Reis Magos, que representam todos os homens e mulheres de boa vontade.

Com este comunicado informo-lhes, em nome do nosso querido Reitor-Mor, uma **notícia de família**. **O Pe. Alejandro Guevara teve que regressar à sua Inspeção de origem**, deixando o seu serviço como Animador Espiritual da nossa Associação ADMA. **E para continuar a acompanhar a ADMA Primária nomeou o Pe. Gabriel Cruz, com a tarefa de realizar este serviço durante o período que antecede a celebração do Capítulo Geral da nossa Congregação, ao lado do Coordenador Mundial, Sr. Renato Valera e o seu conselho.**

Agradecemos ao Padre Alejandro o serviço prestado nestes anos durante os quais lhes acompanhou com grande entusiasmo e dedicação, **e peço-lhes que acolham a pessoa do Pe. Gabriel** que, além do seu testemunho pessoal, traz consigo uma rica experiência missionária e o fato de experienciar, em colaboração com o Pe. Pierluigi Camerini, a força da graça que opera no coração dos membros da Família

Salesiana que caminham para o reconhecimento eclesial da sua santidade.

Sei que assume o serviço com grande sonho, disposto a se inserir, segundo as suas possibilidades, no caminho da Associação que prepara, entre outras iniciativas, o próximo Congresso mundial em Fátima. Também eu, e os membros do Secretariado caminharemos com ele, com vocês e com os Delegados/as Inspecoriais, em todo o necessário para dar continuidade ao programa da ADMA, justamente em um momento de uma Associação em progressiva expansão. O endereço de e-mail do Pe. Gabriel é animatore.spirituale@admadonbosco.org além de gacruz@sdb.org

O Senhor que, em Maria nos deu a Mãe e Mestre, guiar-nos-á. A Ela nos confiamos, Nela acreditamos, e com Ela desfrutaremos dos frutos que, como excelente educadora, semeia em nossos corações.

Um abraço com o desejo de que depois da celebração do Santo Natal, vivido em família, possamos expressar o nosso sentido de Família Salesiana no mês dedicado a Dom Bosco, compartilhando com todos o amor a Maria que tanto identifica vocês.

Com todo o meu afeto.

Pe. Joan Lluís Playà
Delegado central do Reitor-Mor
para a Família Salesiana

Turim – Roma, 1º de janeiro de 2024, Solenidade da Maternidade de Maria.

Breve apresentação ao novo Animador Espiritual da Adma

Pe. Gabriel nasceu no México em 17 de junho de 1977. **É o novo Animador Espiritual Mundial da Associação de Maria Auxiliadora (ADMA) desde 1º de janeiro de 2024.**

Sou Salesiano de Dom Bosco desde 1997. Ordenado sacerdote em 30 de junho de 2006.

Entre os vários títulos acadêmicos que consegui, estão entre outros, as licenciaturas em filosofia, educação universitária, teologia, missionologia e teologia das religiões com particular atenção ao Islão na Pontifícia Universidade Gregoriana e no Instituto de Estudos Árabes e Islâmicos.

Entre as especializações obtidas, concluí recentemente a Escola de Formação Avançada para as Causas dos Santos da Pontifícia Universidade Lateranense, promovida em colaboração com o Dicastério para as Causas dos Santos.

Na Sociedade de São Francisco de Sales estive envolvido na formação e no ensino, como formador, professor e Reitor de Casas de formação e Seminários.



Primeiro na minha terra natal e depois no Paquistão, desempenhei também o cargo de Vice-postulador na Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Akash Bashir e de Delegado Inspecorial e Conselheiro da Província Sul das Filipinas, até 1º de setembro de 2022, data a partir da qual – depois de destinado à Itália – colaboro com o Postulador Geral dos Salesianos.

A partir de 1º de janeiro de 2024 fui nomeado pelo Reitor-Mor como Animador espiritual da Associação de Maria Auxiliadora – ADMA.

CAMINHO FORMATIVO

O Minstério do nome: SE CONHECE O QUE SE VIVE - 2

1. O nome no sonho dos nove anos

Ouvir uma Palavra que vem de fora. No início do sonho há uma teofania: aparece um homem venerável, jovial, nobremente vestido com um manto branco, com um rosto luminoso no qual não se conseguia fixar o olhar. A voz que chama Joãozinho (ele me chamou pelo nome) vem de fora e se apresenta com um comando (ele me ordenou), completamente diferente de se pensar na vida como um sonho a ser realizado (autorrealização como a cultura atual a entende). Ninguém se dá um nome mas o recebe, não me chamo sozinho. No nome está escrita a vocação e nele está inserido o método (não com pancadas, mas com mansidão e caridade), a missão/objetivo (ganhar esses seus amigos), o conteúdo (instrução sobre o pecado e a virtude).

Conhecer a identidade da pessoa que está falando com você. Quem é você? A pergunta sobre a identidade do misterioso personagem diz respeito a todos nós. “Quem você diz que eu sou?” Jesus pergunta aos seus discípulos. Maria se pergunta qual foi o sentido de tal saudação. É impossível escapar a esta pergunta para dar uma resposta significativa à própria vida, não se pertence à ADMA sem perguntar a Jesus e sem receber Dele a resposta: “o Filho de Maria”. Na experiência de Dom Bosco o conhecimento de Jesus ocorre através de Maria, na experiência milenar da Igreja o ventre de Maria que gerou Jesus continua a formá-lo nas mentes e nos corações de quem Nele crê.

Não se apresse. Não é raro deparar-se com querer tudo imediatamente, ter um desejo e vê-lo já realizado. Mas este não é o modo de educação, a *paideia* de Deus: basta ler a carta aos Hebreus para compreender que a ação de Deus passa pela correção, pela educação, pela paciência e requer muito tempo. Nossa Senhora diz a Joãozinho: “a seu tempo tudo compreenderás”. A compreensão do sonho para Dom Bosco, chega em Roma, na casa do Sagrado Coração no dia 16 de maio de 1887: “Naquela manhã, Dom Bosco quis descer à igreja para celebrar no altar de Maria Auxiliadora. Nada menos que quinze vezes durante o sacrifício divino ele parou, dominado por uma forte emoção e derramando lágrimas. Pe. Viglietti, que o ajudava, tinha que chamá-lo, de vez em quando, para que

pudesse seguir em frente. [...] Quem não gostaria de saber qual foi a causa de tanta emoção? Pe. Viglietti, ao vê-lo voltar à calma habitual, perguntou-lhe. Ele respondeu: - Tinha, viva, diante dos olhos, a cena de quando tinha dez anos e sonhei com a Congregação. Na verdade, vi e ouvi minha mãe e meus irmãos questionando sobre o sonho... – Na época, Nossa Senhora lhe tinha dito: - A seu tempo tudo compreenderás.

Passados, agora, sessenta e dois anos de trabalho, de sacrifícios, de lutas, um súbito lampejo lhe revelou, na inauguração da Igreja do Sagrado Coração em Roma, o coroamento da missão que lhe foi misteriosamente ofuscada no início de sua vida. Dos Becchi de Castelnuovo à Sede do Vigário de Jesus Cristo, quão longo e árduo foi o caminho! Sentiu então que a sua obra pessoal estava chegando ao fim, abençoou a Providência divina com lágrimas nos olhos e ergueu o olhar confiante para a permanência da paz eterna no seio de Deus” (MB, XVIII, 340-341). Muitas vezes os caminhos de Deus parecem tão tortuosos, tão diferentes de como os teríamos traçado, mas a paciência que vem da fé é a única possibilidade de ver realizado o projeto divino.

Faça as pazes com a história da sua família. Na manhã seguinte, Joãozinho compartilha o sonho com a sua família. É gostoso ouvir as reações dos irmãos “que começaram a rir”, da mãe e da avó: “guardião de cabras, ovelhas ou outros animais”, “quem sabe ele pode virar padre”, “líder de bandidos”, “**você não deve prestar atenção aos sonhos**”. Ele, então, era do parecer da avó e no manuscrito original sublinhase, precisamente para reforçar a ideia que parecia tão impossível de concretizar, de que era melhor concentrar-se no presente, viver o cotidiano, ser concreto na vida camponesa para levar adiante o trabalho. Convido você a ler nas entrelinhas as relações dentro da família Bosco: tinha ocorrido a grave perda do pai e ainda assim o diálogo não cessara, todos podiam se expressar livremente e eram respeitados e valorizados em suas identidades, as dificuldades de relacionamentos e as diferenças de opinião eram enfrentadas na verdade e resolvidas mesmo através de dolorosas escolhas de separação (cf. Cascina Moglia), a presença

equilibrada e sábia da mãe garantia um crescimento sereno, mas cansativo, dos relacionamentos. Como é importante reler a nossa história familiar, fazer as pazes com as feridas de convivência que podem ter ocorrido em relação a nossos pais, irmãos, outros familiares! Estão em jogo o nosso equilíbrio pessoal e a resposta àquilo que o Senhor nos pede para realizar. A pior atitude seria fugir desta realidade ou fingir que as dificuldades não existem: esta posição impediria um desenvolvimento saudável da nossa vocação e missão.

2. O legado do nome

Ao filho é dado um nome. No nome está toda a sua singularidade, o nome é único. Maria Zambrano escreve: “Nada é mais decisivo do que uma vida das próprias origens. É por isso que um pai representa muito mais do que só um homem que nos gerou. Ele nos dá um nome. Enquanto durar a nossa vida individual, ela será marcada por este nome, e, graças a isso deixamos de ser *um qualquer* para sermo *alguém* bem definido. A nossa individualidade, tão concreta, está ligada ao nome que recebemos do nosso pai, para nós um selo, um sinal distintivo. Ter um nome significa ter uma origem clara, pertencer a uma família, ter um destino, sentir-se chamado por vozes inconfundíveis, sentir-se parte de uma família, ter um vínculo. Tendo um nome sentimos que, em cada uma de nossas ações, colocamos em jogo a herança familiar que nos une, sentimo-nos responsáveis por coisas que, se fossem só nossas, não nos preocupariam. É o peso, o chamado daqueles que foram chamados como nós, continuidade viva que forma a história real; somos herdeiros, somos sempre continuadores. Nada começou conosco. O nome nos dá concretamente, sem considerações abstratas, a responsabilidade histórica que cabe a todos, e não apenas aos que ocupam um lugar de destaque, como protagonistas. Todos somos, de uma forma ou de outra, responsáveis pela história e guardiões da continuidade. Responsabilidade histórica e responsabilidade também diante de algo mais difícil de nomear: a consciência das nossas limitações, de termos sido gerados; humildade diante da origem” (M. Zambrano, “Em direção a um conhecimento da alma”, 118).

3. A história de Natanael (Jo. 1, 45-51)

Proveniência. Natanael, também conhecido como Bartolomeu, é um dos doze apóstolos de Jesus. No início do Evangelho de João é contada a história da sua vocação, a forma como o Senhor o chamou.



Ele é um personagem muito simpático e lida com o tema do nome e da sua gradual compreensão do mesmo em sua própria vida. Um dia Filipe conta ao seu amigo Natanael que conheceu Jesus de Nazaré, Ele é o Messias de quem Moisés e os Profetas falaram. A reação de Natanael exprime logo o seu ceticismo: o Messias não pode ter a sua pátria numa aldeia insignificante como a de Nazaré. Estamos diante do escândalo de sempre, que todos aqueles que ainda não chegaram à fé levantam diante à pessoa de um Deus que se faz homem como nós. Estamos diante da lógica evangélica do humilde sinal do qual deriva o bem maior, que está oculto ao homem que se sente seguro de si neste mundo. Filipe não tenta esclarecer ou resolver a dúvida do companheiro, mas busca convidá-lo a uma experiência pessoal com o Mestre, a mesma vivida por ele anteriormente e que transformou a sua vida. Somente a fé é capaz de superar os motivos de escândalo e de autossuficiência humana. E Jesus, de fato, inspira-o em cada homem que se coloca à escuta da sua palavra, como fez Natanael, que aceitou acolher o mistério que Filipe lhe propôs com o simples convite: *Vem e vê* (v.46).

O encontro. A prontidão de Natanael a se encontrar com Jesus, sinal de sua sincera busca e de seu desejo de vir à verdade é reconhecida por Aquele que lê no coração do homem. E Jesus, vendo-o caminhar em sua direção, disponível e aberto, antecipa-o e saúda-o como um autêntico representante de Israel, um homem em quem não há duplicidade de vida e que confessa a sua pobreza diante de Deus. Jesus, neste seu futuro discípulo, considera um dos “que restam”, do verdadeiro povo de Deus, precisamente porque conhece Jesus ao vê-lo. O discípulo, maravilhado com as palavras de Jesus a seu respeito, pergunta ao Mestre como pode conhecê-lo. A expressão: “Como você me conhece?” revela a

origem divina da pessoa de Jesus, o conhecimento sobrenatural que ele tem dos segredos dos homens. Jesus conhece bem Natanael porque conhece cada homem e sabe o que há no íntimo de cada um. E Jesus dá a Natanael mais uma prova ao lhe revelar que o conhece: ele o viu quando estava debaixo da figueira. O fato é uma clara alusão ao conhecimento que Natanael tinha das tradições judaicas sobre o Messias e ao amor que tinha pelas Escrituras, pois os rabinos costumavam ler e comentar a Torá debaixo da árvore. Também ali o discípulo foi acompanhado e amparado pelo olhar amoroso de Deus. Natanael se rende diante das evidências e reconhece Jesus como o Messias e confessa: “Tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel” (v. 49).

A promessa. Com o seu testemunho de fé humana no Messias, Natanael está disponível para uma nova revelação de Jesus. E o evangelista, colocando a promessa na boca de Jesus: “Vereis coisas maiores do que estas” (v. 50), enfatiza que a fé inicial do discípulo será fortalecida por ulteriores sinais da atividade ministerial de Jesus, sinais estes que manifestam a glória do Filho do homem. A revelação, que Cristo promete ao discípulo, encontra já no v. 51 uma clara e solene afirmação: “Em verdade, em verdade vos digo, vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem”. Desvinculado do contexto singular da passagem, o “vereis” contém uma grande profecia sobre a manifestação da glória de Jesus, que se estende por toda a sua vida até o seu retorno ao Pai. O versículo é o vértice para o qual tende toda a passagem num movimento crescente em direção à pessoa de Jesus. No início, um pequeno grupo de pessoas procura Jesus e, para compreender quem ele é, tentam estabelecer uma comparação com o Batista (1,19-34). Posteriormente, os discípulos refletem sobre



Jesus e consideram vários títulos para Ele: Cordeiro de Deus (v.36), Rabino (v.38), Messias (v.41), aquele sobre quem Moisés e os profetas já tinham escrito (v. 45), Filho de Deus e rei de Israel (v.49). Finalmente, aos esforços do homem para compreender quem é Jesus, o

próprio Jesus dá uma resposta que serve para corrigir e completar as diversas compreensões. Os discípulos não erraram na apresentação do Mestre, mas sempre o situaram no contexto das esperanças messiânicas de Israel. Jesus vai além desta esperança, usa uma linguagem apocalíptica e fala da revelação contínua do Pai, de um movimento de subida e descida dos anjos, recordando a cena de Jacó, na qual o patriarca sonhava ver uma escada apoiada no chão, enquanto o topo alcançava o céu; e sobre ela eis que os anjos de Deus sobem e descem (Gn 28:12). A ascensão e a queda recordam a realidade humana e divina de Jesus: Ele, apesar de estar entre os homens, está em comunhão com o Pai e desempenha a sua função de revelador, porque é o “lugar” onde se reflete o mundo do Pai. Para o evangelista, todo verdadeiro israelita está diante da “casa de Deus” e da “porta do céu”, prefigurada pela pessoa histórica de Jesus, onde se contempla o mistério do “Filho do homem”. O homem Jesus é o Filho do homem, é o Logos encarnado e o homem glorificado pela ressurreição, que revela o Pai com autoridade. No final deste primeiro itinerário de fé dos discípulos podemos ver como João pôs nos seus lábios uma terminologia sobre o aprofundamento do mistério da pessoa de Jesus, que, na realidade, aconteceu ao longo de toda a história terrena com o Senhor. até depois de sua ressurreição.

4. Pela concretude do caminho

O que João Bosco viveu no seu sonho e compreendeu no final da sua vida e o que foi revelado por Jesus a Natanael e lido à luz da sua ressurreição mostram-nos que o mistério do nome e do sentido de uma vida são compreendidos a partir do fim. Assim como o sentido de um filme não fica evidente na primeira cena, mas apenas na cena final, da mesma forma como “somos tempo”, a dinâmica de uma vida se compreende gradativamente e em um processo constante de crescimento. Do ponto de vista educativo, a virtude humana mais citada no Novo Testamento devido a “sermos tempo” é a paciência ou perseverança (*upomonè*), particularmente adequada para se viver mais como semeadores do que como coletores, mais como agricultores do que como lojistas. O termo (*upo=sob e meno=ficar*) indica literalmente a atitude de Maria de “permanecer aos pés da cruz”, de ser submissa à vontade do Pai. Assim, como no sonho, Maria nos revelará o nome do seu Filho no entrelaçamento entre a sua história e a nossa.

Francesco Marcoccio, SDB

NAZARÉ. UMA FAMÍLIA TODA DE DEUS

5. JOSÉ E MARIA, UM HOMEM E UMA MULHER

A Sagrada Família chega a Nazaré depois de ter escapado à violência de Herodes e depois de um período de exílio num país estrangeiro. As guerras e as migrações não acontecem apenas hoje. Cada época tem os seus dramas e contradições, e cada família, hoje como ontem, é afetada por eles. José e Maria também viveram a sua paternidade e a maternidade não sem dificuldades. Vamos mais uma vez a Nazaré *para contemplar à luz evangélica a verdade do homem e da mulher segundo a vontade eterna de Deus e os acontecimentos dos tempos.*

A revolução sexual na narração moderna

E de fato não é difícil reconhecer como *as duas maiores tragédias do nosso tempo são o aborto e a morte do pai, o massacre físico das crianças e o massacre cultural dos pais.* À mortificação do destino materno da mulher e do destino paterno do homem soma-se hoje a tentativa de nivelar, desvalorizar ou mesmo *cancelar a diferença natural dos sexos:* ser homem ou mulher não seria mais um fato objetivo, mas uma preferência subjetiva. Tudo isto em franca contradição com o bom senso de todos os tempos e com as aquisições científicas de hoje: não há dúvida de que o que uma criança necessita é de uma família, de um pai e de uma mãe claramente distintos na sua posição sexual e claramente unidos no seu amor conjugal.

Quem acompanha o percurso educativo, psicológico e espiritual dos jovens percebe isso muito bem: **a confusão dos papéis familiares e das identidades sexuais**, ou seja, a perda do que realmente é ser um pai e uma mãe, e o obscurecimento do que são o dom e a tarefa específicos do homem e da mulher, *compromete seriamente o amadurecimento afetivo dos meninos e das meninas, não sem desorientação dos próprios adultos.* Assim, o afeto tem falta de respeito, o diálogo se transforma em conflito, o sentimento acaba em ressentimento e a intimidade dá lugar ao estranhamento. Eis o fruto da revolução sexual: não uma verdadeira libertação, mas a incapacidade dos homens e das mulheres de compreenderem o

que um homem e uma mulher querem e precisam. Como observou Elizabeth Badinter, fazendo uma cuidadosa revisão da história do feminismo, as mudanças induzidas pelos protestos dos anos sessenta e pela revolução sexual: “destruíram em pouco tempo cinco mil anos de distinção dos papéis e dos universos”. Na realidade, diz o Papa Francisco com carinho numa das suas belas catequeses sobre a família, “para resolver os seus problemas de relacionamento, o homem e a mulher devem antes conversar mais, ouvir-se mais, conhecer-se mais, amar-se mais”.

A educação sexual na história bíblica

Basta *parar um pouco em Nazaré para redescobrir a gramática dos sexos, necessária para a expressão do amor.* A narrativa bíblica, que apresenta a história da salvação como uma sucessão de gerações, tem sempre o cuidado de realçar a diferença entre homem-mulher. Nem precisa ter grande destaque, porque *é a coisa mais natural e mais sagrada do mundo: é a diferença que nos faz existir e nos torna imagem e semelhança de Deus!*

Entretanto, um dos fatos mais surpreendentes da história sagrada em comparação com as narrativas de outras religiões é que **Deus se revela definitivamente no espaço de uma família.** Nela, o Filho de Deus torna-se homem como um menino, não como um andrógino, e Maria é apresentada como a esposa virgem de José, homem da casa de Davi. É notável que Maria seja saudada como a “cheia de graça”, enquanto José é chamado “filho de Davi”: ela vive uma *gravidez divina*, ele assegura uma **descendência**



histórica. A linguagem é realmente diferente: José é pressuposto nas palavras proféticas dirigidas por Natã ao Rei Davi: “eu suscitarei depois de ti a tua posteridade, aquele que sairá de tuas entranhas e firmarei o seu reino. Ele me construirá um templo e firmarei para sempre o seu trono real (2Sam 7,11-13). E é o anjo Gabriel quem fala com Maria em nome de Deus: “Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus” (Lc 1,30-31). Como podemos ver, Maria colabora com Deus *na ordem de gerar*, José *na ordem da descendência*. Maria, como toda mulher enquanto tal, é *ternura*, e José, como todo homem enquanto tal, *oferece estabilidade*. Em última análise, Deus valoriza através da sua própria revelação aquele dado da realidade que se vive na família: que *a mulher é, ela própria, a casa do homem, enquanto o homem constrói a ela, uma casa*. A orientação materna da mulher é, em última análise, um símbolo direto da *misericórdia de Deus* (em hebraico, “misericórdia” indica literalmente as “entranhas maternas”!), enquanto o destino paterno do homem representa melhor a *justiça de Deus*. Misericórdia e justiça que em Deus são uma coisa só, porque Deus exerce a sua justiça exatamente na ótica e em termos de misericórdia. Diante do conjunto de justiça e misericórdia de Deus, se compreende, por analogia, a comum fecundidade do homem e da mulher: o homem não é fecundo sem a mulher e nem a mulher é fecunda sem o homem, nem o homem sem se doar todo a ela, nem ela sem o acolher totalmente.

Como escreveu o Cardeal Ratzinger na bela carta sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja, *a mulher é chamada a acolher, o homem a transmitir*. Ou, como disse um bom teólogo como L. Bouyer, “o homem representa, a mulher é”: ele representa, porque só o Pai que está no céu é a Vida e a fonte da vida, enquanto a mulher é em si mesma, a acolhida desta vida. Neste sentido, a mulher é sempre *titular de seus relacionamentos*, enquanto o homem é muitas vezes chamado a ser *ministerial*, a representar um outro: a dor física da mulher no mistério do gerar e o relativo “distanciamento” físico do homem não são nesse sentido, coisas de pouca importância, mas são objeto de sentimentos específicos e de cuidados educativos, geralmente completamente ausentes nos caminhos de formação! E, no entanto, estas são coisas simples, escritas e explicadas por Deus em nossa própria carne, e não apenas na evidência da forma *receptiva* do corpo feminino e da forma

ativa do corpo masculino, mas também na maior propensão da mulher no *relacionamento* e do homem à *ação*, na inclinação *conectiva* presente no cérebro dela e na inclinação *distintiva* presente no cérebro dele. Graças a estas maravilhosas características de gênero, o homem e a mulher podem amadurecer juntos: a mulher *sensibiliza* a alma do homem e o homem *estabiliza* a alma da mulher, porque caso contrário, como muitas vezes se vê, a mulher permanecerá vítima da sua complexidade e riqueza interior, e o homem permanecerá perdido nas coisas e pouco atento às pessoas. É por isso que o Papa diz que o trabalho artesanal da família é, em primeiro lugar: “Talvez a maior missão de um homem e de uma mulher no amor seja esta: a de se tornarem, um ao outro, mais homem e mais mulher. Fazer crescer é ajudar o outro a moldar-se na sua própria identidade” (AL 221).

Roberto Carelli, SDB

HUMILDE E A MAIS ALTA CRIATURA

A caminho com Maria, mestra de ecologia integral

6. MARIA, SARÇA QUE QUEIMA E NÃO SE CONSUME

A energia é tudo, mas ao mesmo tempo é algo extremamente vago. A nossa vida depende muito dos seus aspectos fundamentais da disponibilidade da energia, especialmente da energia elétrica. No entanto, a energia não pode ser vista ou tocada exceto nos seus efeitos: a luz, o calor, o movimento...

Deus disse: “Faça-se a luz!”. E a luz foi feita: esta é a primeira palavra/ação realizada por Deus segundo o livro do Gênesis. **A luz, portanto, é a primeira criatura.** A escolha de começar a criar a partir da luz tem uma lógica própria: como poderíamos ver o que há e o que falta no universo se não fosse a luz?

Na natureza, o ser humano extrai luz principalmente dos astros, que o próprio Deus criou não só para iluminar, mas também para regular a passagem do tempo. Trata-se de luz e calor dos quais, nos tempos antigos, os seres humanos podiam se beneficiar, mas não controlar, e justamente por isto os astros, nas tradições religiosas antigas eram deuses ou símbolos de deuses: a quem tudo se deve, mas que fogem ao nosso controle.

Luz e calor estão à disposição do ser humano também no fogo, que, no entanto, como elemento da criação, ainda é uma realidade ambivalente, capaz de destruir inexoravelmente aquilo com que entra em contato. O fogo deve ser controlado para poder servir bem. **Só um fogo controlado se torna instrumento de vida:** para iluminar, para aquecer, para cozinhar, para purificar, todos elementos indispensáveis para uma vida digna do ser humano...

Ao longo das Escrituras, a pessoa que se mostra mais habilidosa no uso dessa força é o próprio Deus.

No livro do Êxodo, o povo a caminho é guiado por Deus, durante a noite, por uma coluna de fogo (Ex 13,21). Na história da vocação de Isaias, um anjo purifica a boca do profeta tocando-o com uma brasa acesa (Is 6,66). No Evangelho de João, Jesus ressuscitado acende uma fogueira e cozinha peixe para os seus amigos nas margens do lago da Galileia (Jo 21,9). O Evangelho de Lucas relata esta expressão de Jesus: “Vim trazer fogo à terra; e como eu gostaria que já estivesse aceso! Há um batismo que devo receber; e como estou ansioso

até que isso seja realizado!” (Lc. 12, 49-50).

Jesus é apaixonado pela salvação da humanidade, está impaciente para que o amor de Deus se espalhe como fogo por toda a terra. Tal como na pregação do Batista (Lc 3,16), também nas palavras de Jesus o fogo está associado ao batismo. Os discípulos e apóstolos reunidos em Pentecostes recebem este batismo de fogo, que os inflama de paixão: torna-os capazes de se fazerem compreender por todos, impele-os a sair, a partir para difundir a boa nova da salvação por toda a terra. (Atos 2, 3)

O fogo, juntamente com o vento, outra realidade que foge ao controle do ser humano, está associado ao Espírito, isto é, ao amor. E nesta associação nos é revelada a natureza dessa energia que, para citar Dante, é a única que tem o poder de mover o sol e as estrelas. O Espírito é dado aos crentes como uma fonte de unidade, como força que permite enfrentar as dificuldades e vencer a escuridão, todo tipo de escuridão, até mesmo a escuridão da morte.

“A Nossa Senhora revelada” de Elisabetta De Luca parece tecida em fogo. Seu corpo, que avança em direção ao espectador, parece abrir caminho afastando as bordas de uma chama. Os braços erguem, à direita e à esquerda, uma única língua de fogo da qual emerge o seu rosto e que ao mesmo tempo funciona como um véu, velando e revelando a sua natureza ardente. Ela é uma mulher de fogo, **Maria, toda plena de Espírito e de amor.**

Não foi em vão que os Padres da Igreja reconheceram na imagem bíblica da sarça ardente que não se consome, uma prefiguração do mistério da maternidade divina de Maria. Como é possível, de fato, que uma criatura possa conter o Criador no seu ventre sem ser queimada pelo seu poder, aniquilada pela sua grandeza? É possível porque **o poder de Deus é o poder do amor** (1 João 1).

Também a história de Moisés, por outro lado, é mistério de encontro entre fragilidade humana e poder de Deus. Na sua juventude, quando ainda vivia na corte do Faraó, ele tinha experimentado o fogo da paixão pela salvação do seu povo e fora queimado justamente por aquele fogo. Para defender um



dos seus irmãos matou um homem e este fato obrigou-o ao exílio (Ex. 2, 11-21). Na sua maturidade, precisamente no lugar do seu exílio, o próprio Deus manifestase a Moisés para lhe revelar a sua paixão pelo povo que criou.

O fogo da paixão de Deus pelo povo, porém, é um fogo que não se consome!

Como é possível tal prodígio? É possível porque o amor apaixonado,

que os gregos chamavam de “eros”, em Deus nunca se separa do amor gratuito e misericordioso ou “ágape”. Trata-se de um mistério ao qual o ser humano é convidado a se aproximar com respeito, tirando as próprias sandálias.

Respeitar a Deus, porém, não significa ter medo Dele e do seu poder, mas em vez disso, ter o desejo de encontrá-lo de forma autêntica e reconhecê-lo pelo que ele é, sem manipulações. Os Padres da Igreja usaram de boa vontade a imagem da sarça ardente para descrever o milagre da encarnação de Deus em Jesus: como é possível que a divindade habite plenamente a humanidade? Porque Deus é amor, é fogo que aquece e purifica, mas não se consome.

Graças à encarnação do Filho, o medo da onipotência de Deus é dissipado para sempre: Ele é um menino, que chora e não sabe falar. Ele se entrega totalmente em nossas mãos e à nossa voz para anunciar a sua salvação no mundo.

Tal como se confiou a Moisés para libertar o povo do Egito, como fez com Maria no mistério da encarnação, este menino hoje confia-se a cada um de nós, está presente em todos aqueles que encontramos, espera-nos neles, para que façamos

a nossa parte, para que colaboremos com Ele na regeneração do mundo (Lc. 9, 48).

A passagem à modernidade foi possível graças ao desenvolvimento da capacidade de controlar e até de produzir energia de forma autônoma, deixando de depender do sol, do vento ou dos caprichos do fogo. Os resultados ambivalentes, para não dizer ambíguos, do desenvolvimento tecnológico, no entanto, lembram-nos a insustentabilidade de uma manipulação da realidade criada sem limites e fronteiras.

Estamos amadurecendo a consciência de que ninguém se salva sozinho.

A energia do amor, que é o Espírito Santo, é a única força não ambígua, que em nenhum caso destrói. É este o fogo que queima, mas não consome.

Temos necessidade da energia para viver, mas precisamos ainda mais que o critério que regula a sua distribuição seja o amor fraterno, que é também respeito pelo próximo e pela natureza, justiça social, solidariedade. Peçamos a Maria, a mulher de fogo, que mais do que qualquer um conheceu os segredos do poder do amor de Deus, que continue sempre sendo a nossa guia.

Linda Pocher, FMA

CRÔNICA DE FAMÍLIA

A celebração do Dia da Família Salesiana da Inspeção da Índia-Bangalore

A Inspeção salesiana da Índia-Bangalore (INK) celebrou o **Dia da Família Salesiana (FS)**, que ocorreu em duas ocasiões distintas: no dia 26 de novembro, no Estado de Karnataka, na obra Dom Bosco Ajjanahalli, e, no dia 3 de dezembro, no Estado de Kerala, na obra Dom Bosco Vaduthala. Os eventos contaram com a participação de mais de 350 membros da Família Salesiana, pertencentes a diversos Grupos, entre os quais: Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Salesianos Cooperadores, membros da Associação de Maria Auxiliadora (ADMA), Voluntárias de Dom Bosco, Irmãs Missionárias de Maria Auxiliadora e Irmãs Catequistas de Maria Imaculada Auxiliadora e Irmãs de Maria Auxiliadora (SMA). Durante os dois dias, foram realizadas diversas atividades e os participantes puderam vivenciar uma atmosfera



de autêntica comunhão familiar. A presença do Pe. José Thomas Koyickal, Superior da Inspeção de Bangalore, e do Pe. Shalbin Kalanchery Paul, Vigário Inspeção, acrescentou mais alegria e proximidade entre os membros da Família Salesiana.

Polônia: *Caminhar juntos como Família Salesiana da Região Europa Centro e Norte*

De 22 a 25 de novembro de 2023 decorreu em Cracóvia o Encontro dos Delegados Inspeção dos Salesianos de Dom Bosco (SDB) e das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA), com os Representantes dos outros Grupos da Família Salesiana da Região Europa Centro e Norte, seguindo o programa de encontros com as diferentes Regiões do mundo salesiano, celebrados nos meses de outubro e novembro.

Os participantes provinham das Inspeções da Polônia, Alemanha, Bélgica Norte-Holanda, Croácia, Eslováquia, Eslovênia, Hungria e Malta. Os grupos representados foram SDB, FMA, Salesianos Cooperadores (SSCC), Associação de Maria Auxiliadora (ADMA), Ex-alunos\as de Dom Bosco (ExDB) e Ex-alunos\as das FMA (ExFMA), Voluntárias de Dom Bosco (VDB), Comunidade da Missão de Dom Bosco (CMB) e Fraternidade Contemplativa de Maria de Nazaré (FCMN).

“Caminhar juntos como Família Salesiana” foi o horizonte que presidiu o encontro, como nas outras Regiões da Congregação. A reflexão - sobre a situação da Família Salesiana na Região, sobre as problemáticas enfrentadas e a partilha de tantas

boas práticas atuadas - permitiu individualizar alguns desafios e especificar algumas conclusões para a caminhada dos próximos anos. Entre esses:

- Partir da realidade que vivem os jovens e suas famílias, realidade vista com os olhos de Deus. Nem críticas nem saudade dos tempos passados. Pelo contrário, uma atitude propositiva, que saiba situar-se em nossa profunda identidade carismático-educativo-evangelizadora;
- Manter um estreito relacionamento de colaboração com os responsáveis da Pastoral Juvenil nos diferentes projetos; em particular, nos em que os Grupos da Família Salesiana podem dar uma contribuição específica, como, por exemplo, o acompanhamento e a orientação vocacional;
- Empenhar-se em tudo o que se refere à formação partilhada com os leigos, no aprofundamento do conhecimento da Família Salesiana e da especificidade carismática dos Grupos que a compõem, e na formação dos respectivos membros, em particular dos Grupos laicais;
- Dar novo impulso às Consultas Inspeção

e locais, como instrumentos de reflexão e revitalização da Família Salesiana no território, como também estudar uma proposta para uma coordenação mais eficiente da Família Salesiana da Região, levando em conta as suas peculiaridades culturais e religiosas.



O encontro abriu amplo espaço para partilhar a identidade e a missão das VDB, da FCMN e da CMB que se prepara para iniciar uma missão na Ucrânia.

Coordenou o encontro o Pe. Joan Lluís Playà, Delegado Central do Reitor-Mor para o Secretariado para a Família Salesiana, e contou com a animação dos membros da Equipe do Secretariado: Ir. Domenico Nguyen, Delegado Mundial para os Salesianos Cooperadores e Ex-Alunos; Irmã Leslye Sandigo, Conselheira Geral da Família Salesiana; e as FMA Irmã Lucrecia Uribe, Delegada Mundial para os Salesianos Cooperadores, e Irmã Gabriela Patiño.

O conjunto das reflexões e comunicações, a par dos momentos de oração e convivência familiar, levaram a uma preciosa experiência de comunhão e espiritualidade entre todos os participantes. Foram dias que alimentaram o serviço de animação e de acompanhamento a ser desenvolvido cada vez mais sinodalmente; foram dias em que se respirou e viveu o dom precioso da Família Salesiana que o Espírito Santo, através de Dom Bosco, presenteou à Igreja para o bem dos jovens e do povo.

Congresso Internacional de Maria Auxiliadora 2024 em Fátima (Portugal)

No espírito de solidariedade e ajuda mútua que queremos destacar, um **“Fundo de Solidariedade”** foi criado na ADMA Primária de Turim para ajudar os grupos mais em dificuldade a participar.

Todas as doações podem ser enviadas através de transferência bancária da ADMA:

- IBAN IT16 V030 6909 6061 0000 0130 575
- ou seguindo as instruções no seguinte link <https://www.admadonbosco.org>

Para quaisquer pedidos de contribuições ou esclarecimentos, os responsáveis de um grupo podem escrever para: adma@admadonbosco.org

O valor recebido será dividido entre as diversas solicitações. Não há contribuições para participantes individuais.

“O Senhor ama quem dá com alegria”



Dar-te-ei a MESTRA
IX Congresso Maria Auxiliadora

Fátima 29 de agosto - 1 de setembro de 2024

Inscrições abertas!

www.mariaauxiliadora2024.pt

INTENÇÕES DE ORAÇÃO MENSAL

Desejamos unir as orações de todos os grupos da Adma no mundo por uma intenção especial.

Neste mês **rezaremos pela paz no mundo** com as palavras de Papa Francisco.

É uma hora sombria

Esta é uma hora sombria, Mãe. E nesta hora escura mergulhamos nos teus olhos brilhantes e confiamos no teu coração...

Mãe, não conseguimos sozinhos, sem o teu Filho não conseguimos fazer nada. Mas Tu nos levas de volta a Jesus, que é a nossa paz...



Tu, que revelas a ternura do Senhor, torna-nos testemunhas da sua consolação. Mãe, tu, Rainha da Paz, derrama a harmonia de Deus em nossos corações.

Amen.

ENVIE UM ARTIGO E FOTO: Um artigo e uma foto de um encontro de formação; da comemoração do dia 24 do mês, celebração mensal de Nossa Senhora Auxiliadora; de uma atividade de voluntariado que desenvolvem. O artigo (formato .doc, máximo de 1200 caracteres sem contar os espaços) e um máximo de 2 fotografias (formato digital .JPG e de tamanho não inferior a 1000px de largura), fornecidos com um título e/ou uma breve descrição, devem ser enviados para adma@admadonbosco.org. É indispensável indicar no assunto do e-mail "**Crônica de Família**" e, no texto, os dados do autor (nome, sobrenome, local da foto, ADMA de pertença, cidade, país).

Ao enviar, a ADMA fica automaticamente autorizada a elaborar, publicar, também parcialmente, e, divulgar de qualquer forma, o artigo e as fotografias. As imagens poderão ser publicadas, a critério da redação, no site www.admadonbosco.org, e/ou em outros sites da ADMA acompanhadas de uma legenda.